



# OS REFLEXOS DA PANDEMIA NA EDUCAÇÃO: O OLHAR BAUMANIANO E SENNETTIANO SOBRE ESSES NOVOS TEMPOS

## THE REFLECTIONS OF PANDEMIC IN THE EDUCATION: THE BAUMANIAN AND SENNETTIAN LOOK ON THESE NEW TIMES

Carlos Marcelo Cavalheiro Félix <sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo socializa a leitura dos reflexos da pandemia no ambiente da educação. Propõe-se a problematização das questões atuais dos processos educacionais com relação às vivências de distanciamento e suas conotações. O estudo de cunho qualitativo e de caráter bibliográfico tem como principais referências Bauman (2001/2008a/2008b/2009/2013) e Sennett (2012a/2012b). Os conceitos baumanianos e sennettianos contribuem para tal, entendendo esse processo como construção do homem líquido-moderno aberto para a cooperação dialógica, constituindo-se em um ambiente empático. O fio condutor parte da percepção de que deixamos de viver a condição da sociedade moderna para vivenciarmos na Modernidade Líquida, a prática da fluidez, da liquidez e do consumo. Sendo assim, a perspectiva educacional, com base nesses conceitos, necessita de espaços em que reflita suas ações, para propor-se a novas constituições de saberes que alavanquem as aprendizagens, no contexto atual.

**Palavras-chave:** Modernidade Líquida. Cooperação Dialógica. Empatia.

**Abstract:** This article socializes the reading of the reflexes of the pandemic in the education environment. It is proposed to problematize the current issues of educational processes in relation to the experiences of distancing and their connotations. The qualitative and bibliographic study has as main references Bauman (2001/2008a/2008b/2009/2013) and Sennett (2012a/2012b). Baumanian and Sennettian concepts contribute to this, understanding this process as the construction of the liquid-modern man open to dialogic cooperation, constituting an empathic environment. The guiding thread starts from the perception that we are no longer living the condition of modern society to experience in Liquid Modernity, the practice of fluidity, liquidity and consumption. Thus, the educational perspective, based on these concepts, needs spaces in which to reflect its actions, to propose new constitutions of knowledge that leverage learning, in the current context.

**Keywords:** Liquid Modernity. Dialogic Cooperation. Empathy.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional de Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul/ UERGS. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8456301248123096>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2806-9726>. E-mail: [marcelofelix35@gmail.com](mailto:marcelofelix35@gmail.com)



## Introdução

O presente artigo constitui-se um estudo bibliográfico de caráter analítico e se propõe a socializar pensamentos sobre a educação no contexto da pandemia. As contribuições do sociólogo polonês Zygmunt Bauman e o sociólogo norte-americano Richard Sennett fazem-se necessárias pois contextualizam e propõem possibilidades no processo de revisão das práticas educacionais durante a pandemia. Nesse sentido, o texto configura-se na perspectiva de problematizar as questões atuais dos processos educacionais com relação às vivências de distanciamento e suas conotações.

A análise de Bauman (2001, 2008b) sobre os problemas sociais é extremamente perspicaz no que se refere às experiências cotidianas do indivíduo contemporâneo. No ambiente da “Modernidade Líquida” (BAUMAN, 2001), o autor parte do conceito de que deixamos de viver numa sociedade de produtores para assimilarmos uma organização social baseada puramente na prática do consumo, na qual as pessoas se tornaram, elas próprias, mercadorias descartáveis. Nessa sociedade de consumo, todos precisam se remodelar continuamente para não ficarem obsoletos.

Na visão de Bauman (2001), caráter, valores e personalidade estão sendo colonizados pela lógica de mercado, especialmente nessa era da liquidez em que as pessoas estabelecem laços passageiros que facilmente podem ser desfeitos, o que torna conveniente a melhoria constante de sua imagem como objeto a ser consumido.

Já Sennett (2012b) propõe um olhar sobre a dinâmica da “cooperação dialógica” (SENNETT, 2012b, p. 157) tendo como condição para as vivências harmonizadas o sentimento da empatia. Cooperar, no entendimento do autor significa estruturar e disciplinar. Para Sennett (2012b), “a repetição proporciona uma estrutura disciplinar; repassamos repetidas vezes as mesmas coisas, procurando aperfeiçoá-las” (SENNETT, 2012b, p. 23). Nesse sentido, o autor relembra a experiência do bebê que vive um “estado de devir fluído” (SENNETT, 2012b), ou seja, suas primeiras impressões no mundo são aceleradas e passam por permanentes mudanças, moldando nossa capacidade de cooperar.

A consciência desses fatos e o entendimento de que estamos inseridos nessa “Sociedade de Consumo Líquido-Moderna” (BAUMAN, 2008b), faz persistirmos no enfrentamento da pandemia que se instalou no mundo inteiro provocando diferentes reações na lógica dos governos atuais e, de modo particular, nas vivências humanas estabelecidas socialmente. A pandemia mudou as relações humanas e suas possibilidades, assim como, também, estabeleceu regras cotidianas para o enfrentamento à quebra da economia e a todos os cismas que abalam as estruturas das maiores riquezas mundiais, assim como das mais pobres.

No entanto, socializa-se, num primeiro momento, as ideias trazidas na leitura que apresentam o contexto da “Modernidade Líquida” (BAUMAN, 2001) e a educação dos consumidores em tempos de pandemia. Em seguida, faz-se uma leitura sobre o contexto da pandemia e à exigência de uma educação empática. O terceiro momento apresenta a sociedade de consumo: o ‘ter’ e o ‘ser’ refletidos na pandemia. Num quarto momento, faz-se necessária a reflexão sobre o posicionamento do homem líquido-moderno diante do caos pandêmico. E, por fim um olhar sobre a cultura glocal da pandemia.

Esse momento atual e histórico marca profundamente as nossas vidas, pois a ação da pandemia, no mundo, requer cuidado e atenção para com as práticas hodiernas. O acento sobre a perspectiva da educação, sua leitura e reflexão dos processos pedagógicos, exige cautela no que se refere aos seus novos olhares empíricos e às suas novas práticas. Mesmo diante da problematização da pandemia, ainda é possível perceber movimentos letárgicos e morosos quanto à construção de um novo modelo de educação que se torna urgente para a conjuntura atual.

## A Modernidade Líquida e a educação dos consumidores em tempos de pandemia

O modelo atual da educação vive as suas crises e evidências paradigmáticas relacionadas, mais profundamente, ao campo do sistema capitalista. Nesse contexto, torna-se possível visualizar

essa crise, uma vez que o ambiente da educação está em busca novos modelos e perspectivas que o desloquem do sentido anterior à pandemia.

Quando Bauman (2013) reflete a crise da educação contemporânea, entende que esta torna-se muito peculiar porque, provavelmente, pela primeira vez na história moderna, percebemos que as diferenças entre os seres humanos e a falta de um modelo universal vieram para ficar. Para o autor, a “Modernidade Líquida” (BAUMAN, 2001) representa, sobretudo, o rasgamento da máscara das ilusões e o reconhecimento de certas pretensões como falsas e de certos objetivos como inatingíveis.

Essa ruptura também atinge a destituição dos alicerces de estabilidade do discurso pedagógico que sustentam as práticas educacionais escolares, sejam elas consideradas progressistas ou conservadoras. Bauman (1999) atenua para uma “ambivalência” (BAUMAN, 1999) em que os discursos pedagógicos se tornam inadequados e impossibilitam alicerces estáveis, sob condições de reconhecida contingência. Com isso, o que o autor apresenta para a educação no século XXI é um ambiente de desordem e caos em que se constitui a metáfora da “liquidez” (BAUMAN, 2001).

Nessa perspectiva Bauman (2013) entende que a “solidez da modernidade” (BAUMAN, 2013, p. 22), entre os séculos XIX e XX, já não determina o atual momento. O que constituía o ambiente da modernidade era a solidez das crenças na ciência racionalista, que impulsionava a duração de todas as coisas, exceto a vida moral. No ambiente da “Modernidade Líquida” (BAUMAN, 2001), o autor afirma que as crenças da contemporaneidade não dão conta de explicar as relações e, por isso, todas entram em suspensão: as fórmulas e as normas já não reproduzem as necessidades atuais. Tudo se torna transitório universalmente em um ambiente de liquidez instantânea e com prazos de validade.

Os elementos da “Modernidade Líquida” (BAUMAN, 2001) vão estabelecendo os novos contextos que determinam o novo universo das relações. Para Bauman (2013), “isso constitui o dilema da “descontinuidade” na “continuidade”, significando o movimento fluido, constante e obsessivo, em que se dão as relações atuais” (BAUMAN, 2013, p. 83). Na concepção baumaniana, “a pós-modernidade é a modernidade reconciliada com sua própria impossibilidade – e decidida, por bem ou por mal, a viver com ela” (BAUMAN, 1999, p. 110). Nesse intento, o autor afirma que estamos diante de um mundo fluido e liquidado em que se deve evitar a transformação das coisas em hábitos - um mundo da cultura do desengajamento, da descontinuidade e do esquecimento.

Para Bauman (2008a), a contemporaneidade vive o ato de consumir e descartar, enfraquecendo e deteriorando os vínculos humanos. Esses acontecimentos, reafirmados por valores capitalistas refletem suas concepções no tocante à educação. O que, geralmente, percebemos é uma educação voltada para o mercado de trabalho, com incentivos capitalistas, vinculada cada vez mais ao ato de consumir. Esse cenário dificulta a escolha de teorias que possam ancorar as práticas docentes.

A prática dos consumidores estabelece que a própria educação, como objeto à venda nas gondolas de um supermercado, torne-se um produto com descartabilidade total. Nisso, a educação torna-se uma mercadoria para ser consumida e descartada à medida das imposições do mercado capitalista. Para os consumidores líquido-modernos, é preciso desenvolver o talento de aprender depressa e a capacidade de esquecer instantaneamente o que foi aprendido, pois as informações envelhecem rapidamente e o conhecimento torna-se eminentemente descartável. O que se mantém na “Modernidade Líquida” (BAUMAN, 2001) é a não-garantia de que a educação se fará duradoura, ou que se obterá clareza nos conhecimentos. O que permanece é à ausência de certezas no campo do conhecimento.

Em uma entrevista com Alba Porcheddu, em 2009, sobre educação, o sociólogo polonês retorna as ideias e vivências do mundo líquido-moderno para afirmar “que a educação e a aprendizagem para serem úteis, devem ser contínuas e durar toda a vida, sendo impensáveis de qualquer outro modo que não seja aquele contínuo e perpetuamente incompleto” (BAUMAN, 2009, p.680). Na perspectiva do autor, assim como o mundo capitalista desenvolve as suas conexões, a educação se constitui no mundo líquido-moderno não unitária, homogênea e universalmente aceita e praticada. Para Bauman (2009), não devemos nos adaptar ao ritmo desenfreado das mudanças do mundo, mas tornar o mundo, em uma contínua e rápida mudança, mais hospitaleiro para a humanidade (ibidem).

No contexto da “Modernidade Líquida” (BAUMAN, 2001), a educação se torna um objeto de consumo, que detém valor de mercado e pode ser adquirido por qualquer sujeito que detenha o poder de comprá-la. Sendo um valor de consumo e objeto de elevado valor de mercado, a educação se torna um elemento importante para a dinâmica econômica da sociedade vigente. Em sua concepção, ela se apresenta inacabada e em processo contínuo, pois não tem um ponto de chegada em vista de sua construção.

O documentário *Escolarizando o mundo: o último fardo do homem branco*<sup>1</sup> coloca como ponto de reflexão a presença do ocidente marcada por sua imposição sobre as diversidades culturais e identitárias nos diferentes continentes e o quanto o processo das aprendizagens está carregado por essa imposição. O acento impositivo tem o seu teor negativo e intencional. A cultura do lugar não importa. A pretensão processa o monopólio do lugar sujeitando o mais fraco aos mandos do mais forte.

É notório, através das paisagens e recortes de falas do senso comum, o quanto conservar os rituais culturais do lugar e da vida cotidiana ajuda no processo da construção da identidade de um povo, de uma nação. Essas culturas e identidades são marcadas pelo processo de escolarização imposto pela cultura branca, que transita em meio à outras, impondo seu formato de ensino. Bauman (2008b), no seu conceito de “Sociedade de Consumo Líquido-Moderna” (BAUMAN, 2008b), para dizer dessa prática explicitada ao longo do vídeo, recorre as ideias de consumidores e “consumidores falhos” (BAUMAN, 2008b, p. 158).

Viver sob os aspectos da cultura globalizada, que marca os processos de identidade na atualidade, conduz à percepção do quanto a negação do olhar sobre as diferentes realidades é a prática do processo educacional. Vivemos sob a tensão do que o sistema (governo) impõe e sob o olhar das experiências que são trazidas, diariamente, pelo aluno que transita dentro dos muros da escola. O sistema lhe impõe que deixe do lado de fora dos muros a sua vida real. Dentro dos muros da escola, só lhe é permitido um caminho: o deixar morrer sua realidade para assumir o impositivo desejo de preparação para o mercado de trabalho.

Com Bauman (2008a), é possível refletir o tipo de educação que está sendo imposta. A educação para o mercado de trabalho é, sem dúvidas, o que a “Modernidade Líquida” (2001) impõe como condição de sobrevivência na atualidade. Porém, questiona-se: é fato que esse tipo de educação prepara para os contextos atuais? No documentário, é perceptível o quanto a cultura branca embasa a necessidade de aculturar a cultura “marrom”. De fato, é preciso matar uma cultura para fazer emergir à outra? Quando se pensa os processos educacionais, impostos pelo sistema, se percebe a brutalidade da mão opressora que mata a educação cultural e identitária dos diferentes povos.

No entendimento baumaniano (2008a), “o ambiente da crise educacional é marcado pelo sentimento de fluidez” (BAUMAN, 2008a, p. 163). Aquilo que, meticulosamente, a modernidade busca fazer, a contemporaneidade avança em rumos diferentes colocando em suspensão a herança das antigas instituições e filosofias herdadas. As fórmulas tradicionais usadas no seu campo de atuação, na leitura de Bauman (2008a), corrompem a educação. Fórmulas que se comportam como fábricas para suprir os desejos de uma elite educada, porém não respondem mais aos anseios contemporâneos. Seu comportamento está em estruturar, junto aos profissionais da educação, teorias e planejamentos que estabeleçam currículos e estes sejam aplicados. Porém, para o autor, “o principal papel do ambiente educacional está em repensar e rearticular seus métodos no mundo contemporâneo, que vê com grande suspeita os valores da modernidade ainda defendidos” (BAUMAN, 2008a, p. 172). Segundo Bauman (2008a), torna-se necessário “buscar por processos abertos, abrindo possibilidades para sugerir e não impor resultados que resultem em limitar sua estrutura” (BAUMAN, 2008a, p. 178).

Uma educação encerrada em sistemas isolados e impositivos é possível que não produza efeitos na sociedade contemporânea. Percebe-se que são mecanismos de poda, apostos para destruir as culturas e suas identidades que, no seu fazer cotidiano, demonstram maior lucidez no processo. Em nome da maquinaria dos processos educacionais não se pode matar a cultura do outro.

<sup>1</sup> *Escolarizando o mundo – o último fardo do homem branco* foi um documentário gravado no ano de 2011, e é uma coprodução americana e indiana dirigido e editado por Carol Back.

O processo de formação continuada dos docentes se apresenta conforme a necessidade do cotidiano escolar ou mesmo das políticas vivenciadas. Mediante esse processo, o fim não importa, mas sim a sua realização contínua. Nesse sentido, perguntamo-nos: qual a razão de estudar? Para que, afinal, somos formados? Na perspectiva da sociedade de consumidores, a formação acontece segundo a lógica do mercado de trabalho, que impõe a certificação e a formação continuada como critério de utilização do consumismo.

O mundo contemporâneo investe na educação trazendo para dentro da escola as marcas do individualismo e do consumismo. Em suas relações cotidianas, a escola distribui, por meio das práticas e discursos, a necessidade de empreender e ser proativo, conforme as necessidades do mundo capitalista. É possível perceber uma formação que reproduz os valores da “sociedade de consumo” (BAUMAN, 2008b, p. 64) deixando para um segundo plano os questionamentos com relação a esse processo. No ambiente líquido-moderno, a educação passa a desenvolver mecanismos que projetam o ser humano no caminho do individualismo e não da coletividade. Torna-se, portanto, uma utopia os sentimentos de pertencimento ao lugar e, por consequência, perde-se a vinculação da amizade e da solidariedade.

Na perspectiva consumista, quando se estabelecem os vínculos da educação, é possível perceber que, durante a pandemia, as fragilidades dos processos de aprendizagem aparecem com força e desacomodam todas as práticas vigentes até o momento. O que se percebe é uma nova mobilização para sedimentar a educação em um novo momento da história, que exige capacidade de leitura do que foi e do que é, tendo como perspectiva uma nova ação para o futuro.

No momento atual, em que a pandemia desacelera os sujeitos de suas rotinas diárias de práticas de aprendizagem da sólida modernidade, vê-se a necessidade de repensar os conceitos e as verdades estabelecidas para o mundo contemporâneo. A falta de reflexão sobre as práticas pedagógicas, no início da pandemia, agora passa a ser vital visualizar onde estamos e onde queremos chegar com os processos educacionais.

## **A exigência de uma educação empática no contexto da pandemia**

Na “Sociedade de Consumo Líquido-Moderna” (BAUMAN, 2008b), a educação vive notáveis modificações no que se refere ao campo do conhecimento e na sua forma de produção, distribuição, aquisição, assimilação e utilização. Nesse sentido, urge a necessidade de a educação se alimentar não somente no campo do conhecimento, mas na capacidade de criticidade buscando dialogar com o momento atual.

No ambiente da “Modernidade Líquida” (BAUMAN, 2001), torna-se necessário refletir a educação como espaço de transitoriedade e de permanente liquidez, rompendo com os discursos modernos que, solidamente, sustentava os pilares de grandes ideais educacionais. Orientada pelas bases da “sociedade de consumidores” (BAUMAN, 2008b, p. 70), a educação transita no campo do mercado capitalista e se configura aos seus anseios.

Pensar em mudanças no processo atual da educação requer capacidade de vislumbrar uma revolução cultural que questione o sistema dominado pela ética da privação, do individualismo alienado, da ganância e do lucro. Para Bauman (2013), mesmo que os poderes do atual sistema educacional pareçam limitados pelo jogo consumista, vislumbra-se transformações suficientes para uma revolução promissora no campo da educação. Mesmo que se perceba certo menosprezo, quando pensamos no ambiente escolar, tona-se necessário acreditar que é na escola que tudo pode recomeçar.

No mundo líquido-moderno, em que o capitalismo dissolve a solidez, as certezas e as estabilidades, torna-se notória uma educação que não consegue acompanhar as mudanças que ocorrem no momento atual. No entanto, Bauman (2013) pensa uma educação que, mesmo vinculada ao mundo da escola, seja capaz de interiorizar o mundo da vida. Isso significa a necessidade de refletir e priorizar as transformações na educação derrubando os muros e se inserindo nos contextos mais humanos que ampliam a formação pessoal e coletiva. Em um mundo saturado de informações, tornam-se necessários espaços que criem possibilidades para o exercício da criticidade. Para Bauman (2013), a escola se torna esse espaço quando efetiva o pensamento

crítico no aluno, ou seja, quando não apenas informa.

Nessa esfera de vinculação do mundo da vida e entendendo a proposta de formação pessoal e coletiva, no contexto da educação, o pensamento de Sennett (2012a) corrobora para dizer da necessidade de se estabelecer, a longo prazo, as relações e os laços sociais. Mesmo tendo o panorama de uma cultura baseada nas relações a curto prazo, o autor enseja para que se criem vínculos coletivos que consigam flexibilizar as incertezas e a passividade da economia capitalista.

Nesse construto das relações e dos laços sociais, Sennett (2012a) entende que o diálogo, nas sociedades contemporâneas, poderá provocar as transformações necessárias. O autor corrobora com Bauman (2013) para dizer que a escola se torna lugar do aprendizado e da construção das práticas dialógicas.

Os encadeamentos dialógicos, segundo Sennett (2012a), configuram-se como não lineares. Esses enfatizam o processo, e não uma resolução final. “Os encadeamentos dialógicos se constroem em cooperação, por meio de trocas e na relação entre os sujeitos” (SENNETT, 2012a). Para Sennett (2012a), a cooperação torna-se uma habilidade desenvolvida em conjunto, de forma participativa, e que se incorpora nos indivíduos como um conhecimento implícito. Para o autor, faz-se necessário tempo para cultivar relações com outras pessoas e tempo para aprender com os próprios erros.

É dessa maneira, de acordo com o pensamento de Sennett (2012b), que se abre espaço para a compreensão do sentimento de empatia. No entendimento do autor, a empatia exige abertura para acolher os diferentes e para escutar em meio à diversidade de opiniões. Quando nos tornamos empáticos é que, então, os modos de trabalhar cooperativamente vão se contagiando na convivência cotidiana e se tornando parte da cultura de vida e de trabalho de determinado grupo.

A empatia é compreendida como “um sentimento de curiosidade sobre os outros e o que são realmente” (SENNETT, 2012b, p. 36). Relacionar-se de forma empática exige o exercício de uma postura de abertura, de acolhimento aos diferentes mundos, de escuta de suas hipóteses e de suas ideias, de respeito ao que emerge na vida cotidiana.

Uma educação empática reflete o espaço da cooperação dialógica que perpassa a vida da escola. Os movimentos de escuta, diálogo e cooperação tanto incidem na abertura individual de cada professor, quanto possibilitam, no espaço coletivo da escola, a construção de um trabalho colaborativo, respeitando as diferenças.

Na “sociedade de consumidores” (BAUMAN, 2008b, p. 70), em que os valores e modos de se relacionar com o mundo também são aprendidos no contexto escolar, torna-se necessária a construção de relações humanizadas que possibilitem encontros empáticos entre todos os envolvidos. Nesse ambiente significativo de aprendizagens, as equipes diretas com os demais profissionais do magistério precisam criar possibilidades de espaços que promovam o diálogo e conduzam todos os envolvidos à prática da coletividade.

A escola poderá se tornar o espaço em que todos possam aprender a cooperar e a constituir identidades múltiplas no interior de um processo ativo e diverso. Sedimentadas em propostas cooperativas e dialógicas, as escolas poderão responder a sociedade contemporânea, propondo espaços de criticidade e questionando o sistema dominado pela ética da privação, do individualismo alienado, da ganância e do lucro.

## **A sociedade de consumo: o ‘ter’ e o ‘ser’ refletem na pandemia**

Na contemporaneidade, no século XXI, estamos presenciando um fenômeno de transformações e mudanças de postura e de comportamento que nos permite suspender todas as nossas convicções e projetos humanos a respeito da vida. A pandemia do Covid-19 adentrou o mundo, em todos os seus continentes, nos mais remotos lugares, despertando a sociedade atual para a leitura de suas experiências cotidianas e para o movimento relacional de encontro com o outro.

A experiência humana, na sua forma mais remota, é uma ação de encontro com o outro. O ser humano, na sua concepção enquanto existência, não se permitiu ser uma ilha isolada em si mesmo, porém, na busca de encontrar respostas sobre suas vivências, lançou-se no processo de construção da vida em comunidade.

A sociedade atual, em suas experiências humanas e relacionais, leva-nos a pensar o quanto estamos distantes do primeiro sentimento que impulsionou “o primeiro homem e a primeira mulher” (Gênesis 2, 18-25) à edificar uma casa/sociedade, onde a centralidade das vivências cotidianas priorizasse o olhar cuidadoso e amoroso, gerador da vida em abundância (João 10, 10).

Essa representação bíblica presente nas Sagradas Escrituras, no Livro do Gênesis, nos seus capítulos 1, 2, 3 e 4, retrata uma sólida experiência de sociedade que nos reporta à ideia de construção social do amor ágape, significando a cooperação, a reciprocidade e a fraternidade, presente em cada ação humana. Torna-se despojamento de si para que o outro possa consumir do mesmo ideal de vida, sem que se perceba disparidades ou mesmo desigualdades.

A sociedade do século XXI atualiza, nas suas mais diversas formas e experiências humanas, o que de fato impossibilitou que esse amor ágape se concretizasse na sua plenitude. O ‘ter’ foi mais forte que o ‘ser’. Na vivência dos irmãos Caim e Abel (Gênesis 4,1-16), podemos discernir o quanto o homem foi capaz de se submeter ao poder, à ganância, ao consumo como ato de rompimento com a primeira proposta de vida em sociedade. O homem convenceu-se de que o individual é mais importante que o coletivo e que o ‘ter’ é a resposta mais imediata para sua presença no mundo. Num ato de violência extrema, um irmão tomou posse do outro, como mercadoria vendável, para intensificar em si o ter e o poder, que divide e que não compartilha da coletividade e da reciprocidade.

Ao longo da formação das novas civilizações e das novas culturas, a experiência do amor ágape foi se apagando para dar lugar à experiência contrária: o desamor e a fragmentação do ser enquanto possibilidade e potência de autodestruição. A sociedade atual vive, nos seus diversos contextos, uma cultura de morte, de dor e de sofrimento. E, mesmo diante desse fato, não caminha para retornar àquela primeira experiência de vida. O ‘ser’ está sendo banalizado ou encoberto pela cultura do ‘ter’, o que dificulta a dinâmica do diálogo e do encontro cooperativo entre as pessoas.

Para a sociedade de hoje, ‘ser’ é ‘ter’, é ostentar uma vida vazia de si mesmo promovendo experiências relacionais superficiais e fluidas, que se dissipam na fragilidade dos encontros. O ser se torna mascarado ou quase invisível pela linguagem do capitalismo atual, que o afirma como mercadoria vendável ou objeto descartável.

Na modernidade atual, essa formação social contemporiza a sociedade de consumo. Segundo Santos (2011, p. 127),

[...] desligados do contexto burguês tradicional, no qual imperavam valores coletivos, como costumes, família e religião, na sociedade de consumo, eles organizam-se em novo código de funcionalidade [...] eles formam um código que sujeita toda uma sociedade empenhada em consumir e não mais em acumular como outrora.

Assim, a sociedade de consumo se torna o advento das experiências vividas e das relações que se estabelecem entre os indivíduos. O que era coletivo e permeado de valores e o que intensificava essa coletividade agora se centra no individualismo, quando o indivíduo busca se sobrepor ao outro gerando, assim, a desigualdade e enfraquecendo os laços de reciprocidade e cooperação.

Santos (2011) corrobora com Baudrillard e diz que a ideia de sociedade de consumo está alicerçada na linguagem (*signos*), na representação. A partir da retomada do capitalismo moderno, percebe-se o estímulo para o consumo, que escraviza o homem em uma ação manipuladora de si próprio e do outro. No ambiente da modernidade, “o consumo é discurso que parece cada vez mais coerente e, pelo fato de possuir um sentido, é uma atividade de manipulação sistemática de signos” (ibidem).

Na modernidade, o consumo se torna algo central para as vivências sociais. Anterior a ela, está para suprir as necessidades de uma sociedade que perpetua os valores e que edifica as relações cotidianas. Para Santos (2011), o consumo não está alicerçado na realidade, mas na representação. Essa sociedade de consumo se reveste de uma máscara ilusória (representativa) da realidade. Representação essa que intensifica a ideia do ‘ter’ e não do ‘ser’. A construção da necessidade, enquanto representação, é o poder da mídia que influencia o ser humano para o consumo e, ao

mesmo tempo, para se tornar mercadoria vendável no mercado capitalista.

Segundo Santos (2011), esta “lógica de consumo não aparece numa relação passiva de apropriação em contraposição a uma produção pretensamente ativa, ou uma atividade pautada pela utilidade dos objetos” (SANTOS, 2011, p. 128). O que se verifica é um consumo idealista onde o ser humano “não se alicerça sobre o princípio da realidade, mas numa lógica de abstração, onde tudo é signo, signo puro” (ibidem). Segundo a autora, “o tema do consumo está especialmente ligado com os meios de comunicação de massa que retalham o real criando um sistema de leitura do mundo transformando em sistema de signos”. (ibidem). Santos (2011), diz da afirmação de que “a sociedade de consumo é a recusa do real pelos signos, pois as sociedades contemporâneas não são apenas de produção, mas também de consumo” (SANTOS, 2011, p. 129).

Entende-se que essa ideia de signos se reporta à mágica da representação e da significação da coisa, e não à coisa em si. Vivemos de signos e abrigados por eles. Para Santos (2011, p. 135),

[...] o código ou o sistema de signos é uma imposição da sociedade capitalista sobre os indivíduos, em vista de seu domínio através do consumo, não há, neste sistema, espaço para a apropriação humana, a criatividade, a mudança, o conflito e a comunicação. O consumo, gerido pelo código, serve apenas para integrar e controlar as pessoas na sociedade.

O capitalismo gera uma sociedade de consumo não individual, porém ele se configura em uma instituição social na qual controla os indivíduos de modo que estes não sejam protagonistas de suas capacidades no que se refere às escolhas de vida. A mídia impõe uma forma de pensar e de agir, onde o indivíduo apenas interage socialmente absorvendo aquilo que já está estabelecido como modo de vida.

## **O posicionamento do homem líquido-moderno diante do caos pandêmico**

Bauman (2008b), ao vislumbrar esse ser social, vai afirmar uma “Sociedade de Consumo Líquido-Moderna” (BAUMAN, 2008b) que perpassa o interior da vida humana. Uma sociedade conectada com o “consumo banal e trivial” (BAUMAN, 2008b, p. 37). E que, segundo o autor, sempre existiu “com raízes tão profundas quanto os seres vivos – e, com certeza é parte permanente e integral de todas as formas de vida conhecidas a partir de narrativas históricas e relatos etnográficos” (ibidem).

Conforme Bauman (2008b, p. 38),

[...] um ponto de ruptura de enormes consequências, que, poderíamos argumentar, mereceria o nome de “revolução consumista”, ocorreu milênios mais tarde, com a passagem do consumo ao “consumismo”, quando aquele... tornou-se “especialmente importante, se não central” para a vida da maioria das pessoas, “o verdadeiro propósito da existência”.

Essa ruptura com o ser social de outrora gera na “Sociedade de Consumo Líquido-Moderna” (BAUMAN, 2008b) um olhar fragmentado, de ação fluida, onde as relações humanas são tecidas na superficialidade sem integrar e sem compartilhar. Cada um adentra essa sociedade consumista comportando-se como um ser individualista, disposto à compra e à venda de si próprio.

Para Bauman (2008b, p. 66), “o ambiente líquido-moderno tem como característica a desregulamentação e desrotinização da conduta humana, já em estágio avançado, diretamente relacionadas ao enfraquecimento e/ou fragmentação dos vínculos humanos”. Gera um ambiente individualista, contrário à ideia de solidariedade e cooperação, explicitando interesses e responsabilidades egocêntricas, afastando-se do coletivo. Nessa sociedade “todos os consumidores precisam ser, devem ser e têm que consumir, o que significa investir na afiliação social de si próprio, o que em uma sociedade de consumidores, traduz-se em “vendabilidade” (BAUMAN, 2008b, p. 75).

Segundo Bauman (2008b, p. 76),

[...] o objetivo crucial, talvez decisivo, do consumo na sociedade de consumidores (mesmo que raras vezes declarado com tantas palavras e ainda com menos frequência debatido em público) não é a satisfação de necessidades, desejos e vontades, mas a comodificação ou recomodificação do consumidor: *eleva a condição dos consumidores à mercadorias vendáveis*.

Essa representação do ser humano, enquanto mercadoria, eleva a condição do homem como objeto de compra e venda. Nessa sociedade de consumidores, está explícita a ideia de representação e de insatisfação, pois o consumo é perene e necessita estar repleto de significados.

Nesse ambiente de representação, é preciso olhar para a sociedade como lugar onde o indivíduo tece suas relações humanas. Esse espaço de convivências em que, muitas vezes, as experiências se consolidam fragmentadas e fluidas, na “Sociedade de Consumo Líquido-Moderna” (BAUMAN, 2008b), deveria representar um ambiente em que as relações humanas se estabelecem com base na busca do conhecimento de si e do outro e das experiências de reciprocidade.

Na busca de protagonizar o diálogo, o encontro e a postura para a escuta do outro, no ambiente das experiências vividas, Bauman (2008b) nos desafia a pensar nesta “Sociedade de consumo líquido-moderna” (BAUMAN, 2008b) enquanto tempo/lugar de relações superficiais e sem profundidade, ou seja, relações humanas fragmentadas e inconstantes. Nessa perspectiva social, o grande desafio do processo de edificação das relações humanas está na construção de pontes que ampliem a comunicação entre os agentes a partir de suas experiências vividas.

Pensar a participação de todos e na construção de relações humanizadas requer abertura ao desconhecido e o desejo de mudança frente ao processo desta “Sociedade de Consumo Líquido-Moderna” (BAUMAN, 2008b) que permeia a vida social.

Nessa perspectiva, é preciso retornar à dinâmica de permanente diálogo e cooperação para que se possa estabelecer um ambiente propício às aprendizagens humanas, rompendo com essa sociedade de consumo que representa o olhar individualista. Há profunda necessidade de voltar às nossas origens enquanto seres criados para o senso de coletividade e amor ágape, que se apresenta ao mundo como possibilidade de transformação social. Contrariando a sociedade de consumo idealista e a “Sociedade de Consumo Líquido-Moderna” (BAUMAN, 2008b), o ambiente das relações humanas representa o lugar do encontro e da empatia onde existe a consciência de que cada ser humano é único, porém capaz de somar para a vivência do coletivo.

Tendo consciência da dinâmica que deve persistir nas nossas buscas humanas, deparamo-nos, no atual momento da história, com uma pandemia que nos dilui, aterroriza-nos e nos convoca a repensar práticas diárias. O isolamento social suscitado, a partir da proliferação do vírus mundialmente destruidor, coloca-nos na posição de olhar para os nossos projetos de vida e os reconfigurar aos novos tempos que denotam da inconstância, da insegurança e das incertezas.

## **Um olhar sobre a cultura global da pandemia**

Quando nos deparamos com as formas violentas com que os governos atuais enfrentaram esse momento a pandemia, entendemos o que Bauman (2008b) vislumbrou a respeito do homem líquido-moderno. Vidas humanas foram e continuam sendo ceifadas em função de políticas desumanas e intolerantes à prática de governar incluindo todos.

Esse caos de intolerância ainda prolifera em alguns ambientes, e o Brasil é um exemplo. Um governo que protagoniza a economia durante o enfrentamento da pandemia, preterindo a vida humana, estanca a possibilidade do exercício de responsabilidade e reciprocidade para com o outro. Como no exemplo da “sociedade de consumidores” (BAUMAN, 2008b, p. 70) que vai usando dos artefatos da fluidez e da liquidez, o governo brasileiro se respalda na economia para arrancar toda a possibilidade de que os “consumidores falhos” (BAUMAN, 2008b, p. 158) não impeçam o Brasil de gerar lucros e de crescer economicamente. Nesse ambiente, renova-se o contexto da “Modernidade Líquida” (BAUMAN, 2001) e se percebe um governo usando das técnicas modernas

da racionalização, da burocratização, do ordenamento e da própria ciência para ceifar a vida.

É certo que precisamos voltar à historicidade de nossas relações humanas e sociais e constatar que o movimento do ‘ser’ está atrelado ao permanente movimento: construir-desconstruir-reconstruir. Talvez, todo ambiente de crise pandêmica esteja nesta relação de permanente movimento construção-desconstrução-reconstrução. E os sujeitos estejam em permanente luta consigo e com suas relações sociais buscando enfrentar e vencer essa crise conscientes de toda a metamorfose que está se processando.

À medida que os avanços da racionalidade se estabelecem na relação com o mundo, naturalmente emerge uma metamorfose de mudanças e concepções estruturais de sociedade. Frente às mudanças, estão as crises em relação às novidades que “aparecem”. Enquanto sujeitos se movem e estabelecem novos modelos de relacionamento, a pandemia atualiza sua presença exterminando vidas enfraquecidas pela ansiedade, pelo estresse e pela depressão. Para os governos, a tessitura maior está no capitalismo que emerge na condição de impor novos valores que permeiam a vida cotidiana do trabalho e das relações com o outro.

Na “Modernidade Líquida” (BAUMAN, 2001), o ser humano está imerso na sociedade de “consumidores” (BAUMAN, 2008b). Ele se faz consumidor da mercadoria que é ele próprio. As novas possibilidades que se deram com o processo de construção da sociedade moderna o conduziram à condição elevada de consumir e de descartar. Suas circunstâncias são movidas pelo sentimento “agorista” (BAUMAN, 2008b, p. 50). Esse consumir está atrelado a certo desregramento e desnivelamento social. No entanto, há uma crise identitária que se intensifica durante esta pandemia, uma crise vinculada ao ser social e capitalista.

No capitalismo moderno, a humanidade se cerca de um convencimento permanente quanto aos valores sólidos. Esses entram em suspensão para dar lugar aos novos valores que permeiam a conduta do homem moderno. Os novos valores na “Modernidade Líquida” (BAUMAN, 2001) entram em colapso e colocam a identidade em crise. O ‘ter’ se sobrepõe ao ‘ser’. O homem líquido-moderno, com base em suas vivências capitalistas, suscita novas posturas e novos relacionamentos sociais, culturais, éticos, religiosos, ideológicos.

Essa crise pandêmica que emerge no mundo capitalista coloca em suspensão toda a existência humana e suas relações sociais produzindo ações superficiais, descentradas e fragmentadas. A objetificação do ser é algo que se torna natural na individualidade e na coletividade. Não há estabelecimento sólido na forma de conexão do ser e viver juntos. A superficialidade das relações presentifica a crise da identidade durante a pandemia, pois tudo se torna descartável e a própria raiz identitária se torna objeto a ser diluído permanentemente.

O efeito da pandemia no momento presente causa horror, medo, frustração e muita incerteza. A insegurança nas formas de pensar a vida e o que acontecerá no futuro permeia as mentes da humanidade. O que se pode dizer é que já se constitui um grande impacto no dia a dia da humanidade quanto à sua forma de se movimentar, relacionar e conviver com os outros. Há profunda preocupação com o dia de amanhã, mas parece que a base do presente não está sendo pensada e fortificada. Enquanto alguns lutam pela sobrevivência, outros se lançam em direção ao caos de uma pandemia que extermina sem compaixão.

Portanto, restam-nos as perguntas: seria esse um novo momento para se rever os processos da educação? A educação, como está, possibilitará efeitos positivos na vida dos alunos e profissionais do magistério ao longo da pandemia? O que precisa ser revisto nos processos educacionais?

Com os efeitos da pandemia ancorando todas as condições da vida humana, torna-se necessário repensar os processos da educação, tanto empiricamente quanto a sua prática. Nesse ambiente de distanciamento social, a escola torna-se uma possibilidade por meio das novas tecnologias e mídias, como por exemplo, no computador, no notebook, no aparelho smartphone ou em um tablet. O seu grande desafio das práticas escolares está na possível conexão entre o professor, aluno e a família, que marcam os processos de aprendizagem pela tessitura das relações de afeto e de aproximação. A manutenção dessa aproximação entre a escola e a família garantirá novos olhares e novos jeitos de constituição das aprendizagens. E como será possível uma educação de qualidade quando vimos tais relações tão desgastadas no passar dos anos?

## Considerações Finais

Este texto reflete as condições e as possibilidades da educação em um ambiente líquido-moderno. As novas condições que marcam o cotidiano da existência humana estão atreladas a um momento de incertezas e de posicionamentos políticos que colocam a economia à frente da vida.

Nesse contexto, a educação precisa rever seus processos, suas estruturas conceituais e práticas. Diante da pandemia que mudou as relações de convivência e impôs o distanciamento como condição de sobrevivência, torna-se necessária a revisão de todas as ações pedagógicas que estruturam a vida escolar. A pandemia afeta todos os setores que alicerçam a sociedade. Portanto, com base no pensamento baumaniano, a educação precisa ser pensada como condição de alavancar o pensamento crítico, como condição de superar as formas do mercado capitalista. Então, o grande desafio para a educação: pensar novas estruturas e novos modelos que superem o momento atual.

Essa capacidade de superação se volta para o entendimento sennettiano de que é preciso trabalhar a “cooperação dialógica” (SENNETT, 2008b) como condição de mudança das velhas para as novas estruturas. Os processos educacionais necessitam se desdobrar sob os aspectos da formação exigente da empatia.

Diante da pandemia que paralisa e distancia os processos relacionais de convivência, é preciso novas possibilidades que evitem a frieza dos isolamentos humanos. Para a continuidade dos processos educacionais, em meio a esta realidade, urge um metamorfosear do pensar, do refletir e do construir uma educação que atenda às reais necessidades e alavanque o poder de criticidade de todos os que estão inseridos nessa prática.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. Desafios pedagógicos e modernidade líquida: entrevista de Alba Porcheddu sobre a educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 137, p. 661-684, maio/ago. 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Zahar, 2008a.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude**: conversas com Ricardo Mazzeo. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008b.

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

SANTOS, Tarcyane Cajueiro. A sociedade de consumo, os media e a comunicação nas obras iniciais de Jean Baudrillard. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 21, p.125-136, jun. 2011.

SENNETT, Richard. **A Corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Trad. Marcos Santarrita. 1 ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012a.

SENNETT, Richard. **JUNTOS. Os rituais, os prazeres e a política da cooperação**. Rio de Janeiro: RECORD, 2012b.

Recebido em: 02 de setembro de 2020.

Aceito em: 07 de março de 2022.